
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

A PERDA DA IDENTIDADE CULTURAL EM “Wedding at the Cross”, DE NGUGI WA THIONG’O

Elizandra Fernandes Alves¹ (UNICENTRO)
e Nelci Alves Coelho Silvestre²(UEM)

RESUMO: Baseando-se principalmente nas teorias sobre as identidades desenvolvidas por Stuart Hall e publicadas em *Identidades Culturais na Pós-modernidade* (2006), e em outras, como as de Eurídice Figueiredo (1998) e Bill Ashcroft (2001), no presente artigo analisam-se alguns dos aspectos da perda da identidade cultural na literatura pós-colonial africana escrita em língua inglesa. Tem-se, como *corpus*, o conto “Wedding at the Cross”, presente na coletânea *Secret lives and other Stories*, originalmente publicada em 1975, do queniano Ngugi wa Thiong’o. Na análise do conto o foco fica, mais especificamente, no personagem principal, Wariuki/Livingstone Jr., e na forma como sua identidade fragmentada reflete a natureza hierárquica do processo de colonização ao qual seu povo foi submetido. Na análise da diégesis deve-se apresentar, ainda, como, pelos cinco descentramentos discutidos nos estudos de Hall; o personagem em questão revela-se um sujeito cuja crise identitária parece ter sido instaurada devido ao binarismo no qual foi socialmente educado.

PALAVRAS-CHAVE: identidade cultural, crise identitária, Wariuki/Livingstone Jr.

Ao voltarmos nossa atenção para a questão da construção das identidades culturais na atualidade torna-se difícil ignorar a problemática que circunda a identidade dos sujeitos oriundos de nações colonizadas, conforme estudos de Hall (*Identidades Culturais na Pós-modernidade*, 2006). No século XX, vários países da África ainda se encontravam sob o domínio de nações ocidentais, mais especificamente das europeias. Países como Argélia, Costa do Marfim, Nigéria e Quênia, ex-colônias francesas e britânicas, respectivamente, por exemplo, só se tornaram independentes na década de 1960.

Vilipendiados por preconceitos e equívocos no que tange os conceitos culturais e identitários, os povos africanos foram, por séculos, vistos em blocos, como que com-

1 <http://lattes.cnpq.br/0661428266305724> - elizzandra1@hotmail.com

2 <http://lattes.cnpq.br/3964354283366248> - nelcialvesilvestre@gmail.com

postos de bárbaros desprovidos de inteligência e capacidade de viver conforme os preceitos europeus. Termos como negro e africano, comumente usados na contemporaneidade, parecem muito simplistas e insuficientes para abarcar toda a diversidade cultural, racial, política e étnica que ilustra a identidade das nações africanas.

Ao mesmo tempo em que o movimento de pró-independência, que surgiu na metade do século XX, tomava proporções internacionais, despontava, concomitantemente, nos países africanos, como o Quênia, um ideal libertário que se tornou a força para definir a construção das identidades dos povos do continente. Tais identidades buscavam se desprender do olhar eurocêntrico, e, cada vez mais, se ajustar aos reais sujeitos africanos e sua cultura. No entanto, percebia-se também que crescia nestes povos uma nova crise identitária, dado que, após anos sob o comando colonial, o sujeito não conseguia mais se reconhecer e legitimar sua carga cultural. Destituído de sua liberdade e condições dignas de sobrevivência por muito tempo, esse sujeito, inserido em um regime contraditório, se via lutando contra si mesmo para assegurar uma identidade autonomamente construída.

Este artigo propõe sugerir reflexões sobre a perda da identidade cultural considerando a descolonização como um processo ainda a ser vivenciado. O veículo para tais reflexões é a literatura queniana representada por Ngugi wa Thiong’o, cuja escolha se deu por ser uma das vozes proeminentes na África no que tange os estudos pós-coloniais, principalmente em relação às questões identitárias. Escolheu-se analisar o personagem Wariuki/Livingstone Jr., protagonista do conto “Wedding at the Cross”³, publicado na coletânea *Secret lives and other stories* (1975).

Na análise de Wariuki/Livingstone Jr. pretende-se, além da discussão do ponto central já apresentado, propor outras questões sobre como se dá a descentralização da identidade cultural do sujeito colonizado e, se a identidade cultural do sujeito colonizado é descentralizada, como é possível que este sujeito estabeleça traços identitários próprios. Não cabe aqui, no entanto, responder essas questões de modo a fechar as discussões. Pelo contrário, este artigo se pauta em ponderações acerca da perda de identidade e do eurocentrismo com o intuito de fornecer um panorama da problematização da identidade cultural dos povos da África: a tentativa de uma construção identitária e a perda da identidade propriamente dita. Cabem, então, as próximas considerações.

1. IDENTIDADE (S): ALGUMAS CONCEPÇÕES

O termo identidade, para Bonnici, é oriundo do vocábulo latino *identitas*, composto por *idem*, que significa o mesmo, e o sufixo gerador de substantivos abstratos – *itas* (2011: 35). No *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, identidade é dada como o “[c]onjunto das características próprias e exclusivas de um indivíduo, consciência da própria personalidade, o que faz com que uma coisa seja da mesma natureza de outra” (2004: 396). Nessa acepção, compreende-se que o vocábulo identidade define o

³ Ainda não traduzido para a língua portuguesa.

que a pessoa é, como é vista pelos outros, a maneira como ela vê os outros e o que ela simula ser.

Em *A identidade cultural na pós-modernidade*, Stuart Hall (2006) distingue três concepções de sujeito: o iluminista, o sociológico e o pós-moderno. A primeira concepção de sujeito surgiu no fim do século XVIII, e foi embasado no conceito cartesiano e iluminista em que a razão é a base para a existência. Nas palavras de René Descartes: *Cogito, Ergo Sum*. De acordo com essa concepção, o sujeito é ponderado como um ser unificado, com capacidades de ação, de consciência e de razão. A partir da filosofia de Descartes, o sujeito “podia usar o intelecto e a imaginação para entender e representar o mundo. A consciência humana autônoma era vista como a fonte da ação e significado e não mais o seu produto”⁴ (Ashcroft et al. 2007: 202). Essa posição refere-se ao “individualismo cartesiano” e tende a não considerar as relações sociais ou o papel da linguagem na formação do sujeito.

A segunda concepção de identidade está relacionada ao sujeito sociológico que se forma “na relação com os outros, que servem de mediadores e transmissores de valores, sentidos e símbolos, ou seja, da cultura” (Figueredo & Noronha 2010: 191). Assim, a identidade do sujeito sociológico, “então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, “sutura”) o sujeito à estrutura” (Hall 2006: 12).

A partir do século XIX, surgem movimentos que discutem o posicionamento da identidade, questionando a definição de sujeito como um ser uno e indivisível, ou existente apenas em relação ao meio ou à cultura onde está inserido. Segundo Hall (2006: 46), o “sujeito do Iluminismo, visto como tendo uma identidade fixa e estável, foi descentrado, resultando nas identidades abertas, contraditórias, inacabadas, fragmentadas, do sujeito pós-moderno”.

Ainda, Hall estabelece cinco descentramentos para descrever a questão da identidade do sujeito pós-moderno, as quais podem ser observadas na narrativa em questão neste artigo. O primeiro se refere ao pensamento marxista e seus desdobramentos. Marx e Althusser situaram o sujeito mais profundamente no contexto social, expondo como a identidade é formada por instrumentos de repressão social, pelas relações de autoridade e poder, ou de classe, como também de raça.

O segundo descentramento apontado por Hall (2006) compreende as teorias psicanalíticas. Lacan, ao desenvolver a psicanálise de Freud, apresenta a divisão interna do sujeito em um ser consciente e outro inconsciente, sendo que os mesmos são formados diferentemente nas relações objetivas e subjetivas com o meio. Hall assegura que a leitura que Lacan faz de Freud é que “a imagem do eu como inteiro e unificado é algo que a criança aprende apenas gradualmente, parcialmente, e com grande dificuldade” (Hall 2006: 37). De fato, a formação da criança se dá a partir de sua relação com o outro. Essas discussões sobre a subjetividade foram alvos dos pensamentos filosóficos de teóricos como Freud e Marx. Comparada à visão iluminista, é possível observar uma mudança significativa na maneira de se ver a relação sujeito-objeto,

4 A tradução dos trechos do texto *Key Concepts in Post-Colonial Studies* (2007), de Bill Ashcroft et al (org.) é de responsabilidade das autoras.

pois tanto o primeiro quanto o segundo autor subvertem o conceito de autonomia do sujeito.

O terceiro descentramento do sujeito pós-moderno, por seu turno, reporta-se a Ferdinand de Saussure, linguista que apresenta a concepção de língua como um sistema social, produtor de significados, que molda o sujeito, sendo também moldada e utilizada por ele (Hall 2006: 40). Para Hall, os significados dos vocábulos não são fixos, eles são formados “nas relações de similaridade e diferença que as palavras têm com outras palavras no interior do código da língua” (2006: 40). Ou seja, o sujeito sabe quem ele é ou quem não é em relação ao “outro”.

Já o quarto descentramento, segundo Hall, refere-se ao trabalho do autor Michel Foucault. Esse filósofo apresenta o poder disciplinar que, no século XX, se constitui na regulação da vida, do trabalho, das práticas sexuais, da vida familiar, controlados pelo regime administrativo do trabalho e pelo conhecimento especializado. Instituições como as prisões, os quartéis, as escolas, os hospitais e as clínicas, entre outras, propiciam essa regulação. Quando os indivíduos são mantidos sob controle e disciplina, o isolamento aumenta bem como a vigilância e a própria individualização do sujeito.

O quinto descentramento, enfim, compreende o feminismo nos anos 1960, as revoltas estudantis, os movimentos contra as armas, as lutas pelos direitos civis, os movimentos pela paz e toda uma série de movimentos revolucionários que apelavam para a afirmação da identidade. Hall (2006: 45) pontua que “cada movimento apelava para a identidade social de seus sustentadores”, ou seja, uma identidade para cada movimento. O autor faz referência ao início dos estudos pós-coloniais, aos grupos de conscientização racial, como os estudos negros, entre outros.

Diante do exposto, Hall (2006: 13) registra que o sujeito pós-moderno “assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu’ coerente”. Nesse sentido, a identidade do sujeito pós-moderno não é permanente, ela apresenta caráter móvel, indicando que o sujeito pode adotar várias identidades, inclusive contraditórias, pois depende da situação em que se encontra. Além disso, não há mais um centro ou eixo em torno do qual a identidade se desenvolveria e, sim, múltiplos eixos que disputariam pelas características de centralidade, com deslocamentos frequentes.

A partir da reescrita do Estágio do Espelho de Lacan, Fanon expõe que o sujeito negro é considerado o outro para o homem branco, por isso tudo o que o branco possui é alvo de desejo do negro. Relegado à condição de inferioridade, toda a objetificação apregoada pelo colonialismo está incutida no sujeito negro. As palavras de Figueiredo (1998: 67) confirmam que o negro “torna-se negrófobo porque o seu inconsciente coletivo é branco”. Sendo assim, o sujeito negro vivencia crises de identidade, pois acaba por assimilar os valores europeus, imperiais, negando seus próprios valores.

Nessa crise de identidade, o sujeito negro, colonizado, apresenta-se como um ser deslocado, pois tem ciência de que está renegando os valores e preceitos que faziam parte de sua realidade antes da colonização, assim como não admite os posteriores a

ela por questões de resistência. Ele percebe que a linguagem do dominador é fonte de poder, mas não é a sua língua, por essa razão a crise identitária se instaura no sujeito colonial negro. O personagem Wariuki/Livingstone Jr., abaixo analisado, trata-se de um bom exemplo deste sujeito.

2. DE WARIUKI A LIVINGSTONE JR.: TRAJETO DE PERDA

O conto “Wedding at the Cross” narra, inicialmente, a história de um sujeito, Wariuki, que, conforme o narrador, possuía qualidades e atributos, como, por exemplo, alegria, simplicidade, originalidade e despojamento de questões sociais e econômicas, os quais são apreciados por Miriamu, uma mulher apaixonada e a ele devota. O casal era admirado por aqueles que os viam juntos, denotando, assim, a relação de amor mútuo que os unia:

Todo mundo falava deles: que bela família; ele, o comerciante de madeira bem-sucedido; e ela, a esposa obediente que cumpria seu dever para com Deus, marido e família. Wariuki e sua esposa Miriamu foram um exemplo brilhante do que a cooperação entre marido e mulher unidos no amor e devoção poderia alcançar. (Thiong’o 1975: 97)

O relacionamento do casal parece estar fundamentado no amor que sentem um pelo outro; deste modo, o leitor é exposto a uma situação que representa certa solidez não só para o próprio casal, mas também para aqueles que os rodeiam. Entretanto, aos poucos o quadro pintado de uma família feliz e unida vai perdendo suas cores e a perfeição aparente do casamento não é mais tão evidente, principalmente para Miriamu. Ao retomar os acontecimentos do passado do casal e a forma como ambos se conheceram, o narrador traz à tona o problema que assola a mente de Wariuki e influencia seu relacionamento com a esposa: a não aceitação do pai de Miriamu em relação a Wariuki.

Quando se conhecem, o jeito simples e natural de Wariuki encanta Miriamu e, mais que depressa, ambos se apaixonam e tencionam se casar. O ideal de riqueza dos pais de Miriamu, porém, bem como a sisudez dos mesmos, contrastam com a simplicidade e a alegria de Wariuki. A diferença entre os pais da garota e o estilo de vida de Wariuki diverge drasticamente. Da mesma forma como muitos colonizadores chegavam às novas terras e descreviam os habitantes de forma inferiorizada, marginalizada, o narrador do conto descreve que assim o pai de Miriamu faz com Wariuki: “Ele (Douglas Jones) não queria que sua filha se casasse com um daqueles oportunistas mal-educados e inúteis que incomodavam a vida, a paz e a prosperidade das fazendas europeias” (Thiong’o 1975: 99).

Percebemos, assim, pela narrativa, que Douglas Jones, pai de Miriamu, representa a sociedade branca que constrói os papéis e as imagens para as pessoas negras e espera que todas os desempenhem. Wariuki difere do papel que esperam dele, pois

é retratado como um jovem africano feliz que, na prática de atividades como as manobras com a bicicleta ou ainda a arte da imitação de chefes brancos para seu grupo de amigos, divertia as pessoas. Desta forma, na narrativa, a situação financeira de Wariuki se configura em seu descentramento social. O fato de não ter dinheiro é o empecilho que o pai da jovem pretendida coloca para que a união entre o casal não seja aprovada:

Ele andava pra cima e para baixo orgulhosamente com sua bicicleta Raleigh [...], cantarolando e imitando Jim Rogers, e, ocasionalmente demonstrando sua habilidade na máquina para uma plateia entusiasmada no município de Molo. Ele se equilibrava na bicicleta com a perna esquerda, braços estendidos como se fosse voar, ou ele simplesmente pedalava para trás, para o deleite de muitas crianças. [...]. Veja o ator agora imitando os seus padrões brancos, satirizando a sua maneira de falar e andar e também os seus maneirismos e atitudes em relação aos trabalhadores negros. Mesmo aqueles africanos que buscaram favores dos brancos não eram poupados. Ele intercalava seus atos com dança [...], e seus passos *mwomboko*, com a perna da calça esquerda deliberadamente dividida ao longo da costura até centímetro acima do joelho, sempre atraía olhos aprovadores e sinais de empregadas domésticas no meio da multidão. (Thiong’o 1975: 97-98)

Observamos que o comportamento de Wariuki difere da construção social formada para servir aos interesses da cultura dominante. Na verdade, suas atitudes são muito parecidas àquelas generalizadas das tribos africanas, por isso a rejeição, mais especificamente, de Douglas Jones.

Os pais de Miriamu frequentavam a igreja todos os domingos: “Ele e sua esposa eram um casal temente a Deus: eles iam à igreja aos domingos, faziam suas orações antes de tudo pela manhã, antes de irem dormir e, claro, antes de cada refeição” (Thiong’o 1975: 98). Além disso, a família recebia suporte dos fazendeiros brancos: “Eles eram vistos com condescendência pelos fazendeiros brancos ao redor”. (Thiong’o 1975: 98). O fato de Douglas não consentir o casamento reforça o olhar do outro, no caso, o olhar de Douglas Jones e dos convertidos ao cristianismo. Essa conversão demonstra a colonização da família, e, neste viés, o descentramento psicológico de Wariuki ocorre pelo olhar do outro, no caso, o olhar do pai de Miriamu e da igreja da qual ele fazia parte.

Durante a narrativa, o pai de Miriamu decide entrevistá-lo para averiguar quais as vantagens que aquele rapaz poderia trazer para sua filha, a qual ele ama muito: “Ele convocou Wariuki, ‘Nosso futuro genro’, para sua presença. Ele queria saber o verdadeiro valor do jovem” (Thiong’o 1975: 99). Nesta entrevista, o futuro sogro enumera o emprego de Wariuki de leiteiro, seu salário de 30 xelins por mês, como também pede para que ele apresente suas reservas bancárias para os anciãos da igreja, em uma tentativa irônica de demonstrar que o rapaz não era merecedor de sua filha. Wariuki sabe o papel que cabe a ele naquela sociedade. Durante a entrevista com Douglas Jones ele é humilhado na frente de todos. Considerado indigno e até inferior, o

evento degradante e traumático evidencia o processo de colonização da mente que se instaura no jovem africano.

Esse episódio ilustra o terceiro descentramento do sujeito, o linguístico. Wariuki fica perturbado pela diferença entre o negro e o branco, pois o branco, representado pelo pai de Miriamu e pelos anciãos, desqualifica Wariuki para as bodas com a jovem. A linguagem utilizada pelo pai da moça reflete conhecimento, anos de investimento em educação, diferindo da linguagem de Wariuki, um jovem de classe baixa, sem acesso à educação, que se diverte imitando os brancos.

Embora o casamento não seja aprovado, Miriamu resolve abandonar seus pais e acompanhar Wariuki. Sua escolha traz consequências para si: “Seus pais a haviam deserdado”. (Thiong’o 1975: 102). No entanto, a partir daí a jovem demonstra encontrar satisfação ao lado de Wariuki, diferente daquilo que havia vivido na casa de seus pais. A narrativa, porém, deixa claro que Wariuki nunca esqueceu ou que algum dia esqueceria a entrevista com o pai de Miriamu: “Ele nunca mais foi o velho Wariuki. [...] Ele nunca iria esquecer aquela entrevista: ele nunca iria esquecer a risada gutural e cacarejante enquanto Douglas Jones e seus amigos tentaram diminuir sua masculinidade e sua autoestima na frente de Miriamu e sua mãe” (Thiong’o 1975: 101).

“Wedding at the Cross” apresenta o problema que cerca a existência dos indivíduos envolvidos no processo de colonização europeu. Wariuki se envolve cada vez mais com o sistema que cerceia o mundo a sua volta como uma resposta à humilhação de seu sogro. O rapaz busca no trabalho uma possibilidade de mudança, conforme assim apregoa a cultura ocidental moderna. Quando Wariuki volta de uma de suas viagens, Miriamu percebe uma mudança repentina no caráter de seu marido: “Wariuki retornou de sua viagem e ela notou a mudança em seu homem. Ele era de poucas palavras agora” (Thiong’o 1975: 102).

O pensamento de Wariuki começa por corroer sua identidade, pois ele passa a raciocinar como um ocidental, ou, no caso dele, como um colonizado: “ele pensou que se tivesse sido menos vagabundo e mais empreendedor ele nunca teria sido tão humilhado na frente de Miriamu e sua mãe” (Thiong’o 1975: 103). Esta parte da narrativa retrata o momento em que Wariuki se transforma em um sujeito de poucas palavras: a ambição desenfreada, o individualismo, o fato de se julgar superior aos demais trabalhadores, de se julgar preguiçoso e de começar a pensar como os colonizadores revelam o processo de colonização mental de Wariuki. Douglas Jones, ao humilhar Wariuki perante a igreja, faz uso da vigilância, um mecanismo de poder utilizado para controlar, manter o sujeito em seus lugares físicos e simbólicos, atendo-se a seus papéis sociais. Assim, este episódio configura como o estopim para a manutenção do quarto descentramento no conto, referente à regulação do sujeito e seu corpo.

A lembrança da humilhação mostra o início da colonização mental de Wariuki. Desde então, ele começa a arquitetar todos os meios com os quais pudesse dar uma resposta àqueles que o humilharam. Para tanto, necessitava pensar exatamente como os brancos ou como os negros adaptados ao processo de colonização. Figueiredo (1998) comenta que essa tentativa de se assemelhar ao *Outro* faz com que o negro

tenha uma ideia negativa sobre si próprio, perdendo sua identidade. Embora não se tratando de uma situação de colonização, a relação entre Wariuki e o pai de Miriamu representa, de certo modo, essa perspectiva:

Diante da anulação do seu ser, diante do autodesprezo, o colonizado busca a assimilação, ou seja, tenta trocar e pele, adotando aquela que lhe parece cheia de atrativos: a figura do colonizador. Para fazer isso, o colonizado é levado a renegar a sua família, os seus valores, as suas tradições culturais e abraçar aqueles do colonizador, que ele, naturalmente, passou a admirar (admiração mesclada de ressentimento). (Figueiredo 1998: 66)

A perda da identidade é notória. William Harris afirma que o sujeito colonizado sofre de um “analfabetismo da imaginação”, quando ele “impõe um contorno à sua identidade para negar a alteridade” (Souza 1997: 76). Em outras palavras, “culturas colonizadas que se enclausuram em moldes de negação da alteridade sofrem de um legado ou psique de conquista” (Souza 1997: 76). Ao negar aquilo que sempre foi, toda a cultura que o constituiu, Wariuki sofre desse “analfabetismo da imaginação”. Porém, esse analfabetismo se sustenta no fato de que ele, o protagonista, se sente “dilacerado e psicologicamente desestruturado” (Figueiredo 1998: 64), sem condições de esboçar reações de resistência e, conseqüentemente, sem subterfúgios para lutar contra a ação que dilacera sua existência tida como inferior.

Em sua busca de vingança por ter sido humilhado, Wariuki recebe uma recompensa: começa seu próprio negócio. Com a conquista, resolve se converter ao cristianismo: “Ele entrou para a Igreja em sinal de gratidão. O Senhor o havia poupado: ele arrastou Miriamu para ele e, juntos, eles se tornaram exemplares frequentadores de igreja” (Thiong’o 1975: 105). A conversão de Wariuki mostra o papel exato da religião cristã dentro do projeto de colonização europeu. Convertendo-se, Wariuki passa a pertencer àquela sociedade que um dia o humilhou.

Com a conversão ele recebe um novo nome – símbolo de adesão à colonização e aniquilamento de suas raízes: “Ele assistiu a aulas de batismo e grande foi o dia que ele rejeitou Wariuki e se tornou Dodge W. Livingstone Jr. [...]. Como seu negócio prosperou, ele gradualmente trilhou seu caminho para o altar sagrado. Um novo presbítero da igreja” (Thiong’o 1975: 105). Nessa perspectiva, percebemos que o discurso ideológico dominante do processo imperial se revela na imposição de seus valores morais, sua ética, sua política, sua religião, sua linguagem etc. Thiong’o faz uma crítica à colonização da mente e da cultura em um de seus mais reconhecidos livros, *Decolonizing the Mind* (1986), ao dizer que ela

aniquila a crença que o povo tem nos nomes, nos idiomas, nos ambientes, na sua experiência de luta, na sua união, na sua capacidade e, ultimamente, nele mesmo. Faz com que ele enxergue seu passado como uma grande terra devastada de não-realizações e deseje se distanciar daquela terra devastada. (Thiong’o 1986: 3)

Ngugi, ao discutir a colonização mental e cultural, demonstra preocupação com os estudos negros, um engajamento com os grupos em defesa de minorias. Sendo assim, sua narrativa reflete e exemplifica o quinto descentramento do sujeito, ou seja, a afirmação identitária pelos movimentos revolucionários.

A narrativa mostra que Wariuki buscava esquecer o passado sem perceber que repetia os mesmos erros dos pais de Miriamu: deixar-se colonizar e perder sua identidade cultural. Apesar de Wariuki perseguir essa ilusão, a de ser como os sogros, sua esposa corre à direção contrária ao se afastar dele e desejar que o passado retorne:

Ela era devota à sua maneira e orou ao Senhor para salvá-la de sonhos do passado. Ela nunca se entregava ao luxo. Ela até se recusou a usar sapatos. Todas as manhãs, ela acordava cedo, levava seu Kiondo, e ia para a fazenda onde ela iria trabalhar na roça de chá ao lado dos trabalhadores. E ela nunca se esqueceu de sua antiga faixa de terra na Reserva Velha. Às vezes, ela fazia almoço e chá para os trabalhadores. Isso enfureceu o marido: por que ela não se comportava como uma senhora cristã? [...] Ela gostava do toque do solo: ela gostava da conversa livre e aberta com os trabalhadores. Eles gostavam dela. Mas eles se ressentiam de seu marido. (Thiong’o 1975: 106)

Por um lado, vemos que Miriamu anseia pelo retorno aos valores originários de sua cultura. Este posicionamento é defendido por Thiong’o (1986) em vários momentos de sua carreira enquanto teórico e ficcionista pós-colonial. O queniano afirma que a descolonização da mente depende da negação dos valores coloniais e do retorno a uma cultura estabelecida antes do aparato colonial invadir as sociedades africanas.

Sobre essa resistência aos valores avessos à cultura original, Ashcroft (2001: 20) argumenta que quando o sujeito colonizado procura manter seus costumes e tradições, não aceitando ser absorvido por aqueles do colonizador, ele está resistindo ao poder colonial:

Mas a característica mais fascinante das sociedades pós-coloniais é uma ‘resistência’ que se manifesta como uma recusa em ser absorvido, [...] apropriando-se da força de influências exercidas pelo poder dominante, e transformando-a em ferramentas para expressar um sentimento de identidade e de cultura profundamente arraigados. Esta tem sido a forma mais generalizada, mais influente e mais comum de ‘resistência’ em sociedades pós-coloniais.

Com o passar do tempo, o casal enriquece ao passo que a família de Miriamu decai socialmente e financeiramente. Um encontro entre eles é providenciado e Wariuki finalmente faz as pazes com a família de sua esposa: “Eles oraram e depois se abraçaram em lágrimas. Nosso filho, nosso filho. E os meus netos também. O passado foi afogado em lágrimas e orações. Mas para Miriamu, o passado estava vívido na mente” (Thiong’o 1975: 108).

O título do conto é explicado quando Livingstone e Douglas Jones unem-se em um projeto de casar Livingstone e Miriamu na igreja, isto é, promover “bodas na cruz”. A cruz no conto representa o símbolo cristão. Carregar a cruz significa aceitar resignadamente o fardo do sofrimento. Nesse caso, Miriamu deveria aceitar esse sofrimento em nome da felicidade de seu marido, de seus pais e de toda a igreja. “Wedding at the Cross” pode também significar todo o sofrimento de Wariuki até sua conversão em Livingstone. Pode apontar para o fato de que para o cristianismo somente os casamentos juramentados na igreja são legítimos. Sob esta ótica, o casamento de Miriamu não era, até então, um casamento *abençoado*.

O casamento cristão culminaria no sucesso de Wariuki, em sua vitória pessoal, em sua vingança, “[mas] para Livingstone este foi o momento supremo. Mais doce que a vingança. Por toda sua vida ele havia se escravizado por este momento” (Thiong’o 1975: 110). Wariuki escravizou sua vida em nome daquele momento. Escravizar-se indica a forma como Livingstone, substituindo gradativamente a personalidade de Wariuki, aniquilou sua identidade cultural, mas, toda sua felicidade, ou a concretização dos seus projetos, dependia de uma simples resposta de Miriamu.

Miriamu não se sente feliz com a decisão, “[m]as Miriamu não podia ver qualquer sentido no esquema. [...] E o Senhor a abençoou com dois filhos. Qual foi o pecado nisso? [...] ‘Talvez ela estivesse errada, ela pensou. Talvez todo mundo estivesse certo. Por que, então ela haveria de estragar a felicidade de tantos?’” (Thiong’o 1975: 109-10). A resposta de Miriamu significa uma resistência ao projeto de colonização a que esteve sujeito Wariuki, metamorfoseado em Livingstone:

E o sacerdote estava quase histérico: “Você Miriamu...” Mais uma vez o silêncio tornou-se mais silencioso pelo cantarolar do lado de fora. Ela levantou o véu e conteve o público com seus olhos. “Não, eu não posso ... eu não posso casar com Livingstone ... porque ... porque ... eu já me casei antes. Sou casada com o ... o ... Wariuki ... e ele está morto”. (Thiong’o 1975: 112)

Wariuki torna-se como seu sogro: um sujeito cuja identidade cultural fora destruída pelo processo de colonização. Assim, Miriamu se recusa a realizar seu casamento com um homem (Livingstone/sujeito colonizado) que não a fazia feliz, pois o verdadeiro homem com quem havia casado (Wariuki) estava morto. Livingstone é identificado com o processo de sujeição à colonização, sendo que Wariuki representa sua verdadeira identidade cultural, que ele mesmo havia sufocado.

Toda a narrativa de Ngugi wa Thiong’o ilustra o quinto descentramento do sujeito, pois reconstrói a história da colonização do Quênia sob a ótica do africano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hall (2006) afirma que a identidade cultural não é algo fixo, que já existe, transcendendo espaço, local, tempo, história e cultura. Na verdade, ela vem de algum lugar,

mas, como qualquer coisa que é histórica, ela está em constante transformação, ou seja, ela está sujeita à contínua ação da história, cultura e do poder e que por vezes se choca com os valores impostos pelo discurso dominante e acaba se diluindo dentro de um regime de marginalização e exclusão. Wariuki/Livingstone Jr. é uma representação dessa diluição e do poder que o binarismo hierárquico é capaz de exercer na identidade cultural de indivíduos que já vivem, por alguma circunstância, às margens da sociedade.

No conto, os pais de Miriamu representam a assimilação da cultura eurocêntrica quando se mostram convertidos à religião cristã, difundindo o Deus cristão como o único existente e válido. Ao contrastar seu modo de vida com o de Wariuki, suas poses e crenças, os pais de Miriamu se apropriam dos pressupostos do eurocentrismo que, segundo Ashcroft et al. (2007), passaram, com as várias colonizações, a ser assumidos como universais.

O sujeito colonizado tende a ser um sujeito em busca de sua identidade. Por se encontrar em um espaço temporal e cultural onde seus valores não são válidos, mas também não consegue reconhecer os eurocêntricos como seus, o indivíduo vive em constante crise. Tentar existir nesta fronteira o impede de se definir claramente, levando-o a uma crise identitária. No estudo da análise proposta, verificou-se como a angústia do não pertencimento do sujeito pós-colonial – representado por Wariuki/Livingstone Jr. – feriu sua centralização. Ao não se reconhecer no compatriota que se recusa a aceitar os valores eurocêntricos como os únicos corretos, vendo-o como um ‘outro’ a ser subjugado, Wariuki/Livingstone Jr. acabou reproduzindo o discurso do colonizador, evidenciando, assim, a perda de sua identidade cultural.

Os desdobramentos - sejam eles sociais, políticos, econômicos, entre vários - da perda da identidade cultural dos povos colonizados, especialmente os africanos, se encontram longe de estarem arrolados. Muitas ainda são as perguntas, as quais carecem de respostas. É preciso que se estude e repense o passado para que questões relacionadas à (des)centralização dos sujeitos colonizados sejam melhor abordadas. A proposta deste trabalho foi uma reflexão sobre os aspectos influenciadores na construção e, conseqüentemente, a perda da identidade cultural desses sujeitos. Questionamentos foram levantados e o embasamento teórico usado serviu para sugerir algumas respostas. Espera-se que novas oportunidades de pesquisa, mais aprofundadas, talvez, sejam realizadas para o fomento de novas discussões. Neste sentido, confia-se que a literatura, meio artístico de denúncias, seja um campo para tanto.

OBRAS CITADAS

ASHCROFT, Bill. et al. (org.). *Key Concepts in Post-Colonial Studies*. London: Routledge, 2007.

ASHCROFT, Bill. *Post-Colonial Transformation*. London: Routledge, 2001.

A perda da identidade cultural em “Wedding at the cross”, de Ngugi Wa Thiong’o

BONNICI, Thomas. *Multiculturalismo e Diferença: Narrativas do sujeito na literatura negra britânica e outras literaturas*. Maringá: EDUEM, 2011.

FIGUEIREDO, Eurídice. *Construção de Identidades Pós-Coloniais na Literatura Antilhana*. Niterói: Eduff, 1998.

FIGUEIREDO, Eurídice & Jovita M.G Noronha. *Identidade Nacional e Identidade Cultural*. Eurídice Figueiredo, org. *Conceitos de Literatura e Cultura*. Niterói: EDUFF, 2010.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

SOUZA, Lynn Mario Trindade Menezes de. O fragmento quântico: identidade e alteridade no sujeito pós-colonial. *Letras: Alteridade e heterogeneidade* (Santa Maria), jan/jun, p. 65-81, 1997.

THIONG’O, Ngugi wa. *Decolonizing the mind: the politics of language in African literature*. London: Currey, 1986.

———. *Wedding at the cross. Secret lives and other stories*. London: Heinemann Educational, 1975, p. 97-112.

CULTURAL IDENTITY LOSS IN NGUGI WA THIONG’O’S “WEDDING AT THE CROSS”

ABSTRACT: Relying mainly on theories of identity developed by Hall and published in *The questions of cultural identity* (2006), and others, such as Eurídice Figueiredo (1998) and Bill Ashcroft (2001), in the given article we analyzed some aspects of the loss of cultural identity in the African postcolonial literature written in English. The corpus is the short-story “Wedding at the Cross” from the collection *Secret lives and other stories*, originally published in 1975 by Kenyan writer Ngugi wa Thiong’o. The focus of the analysis is, specifically, the main character, Wariuki/Livingstone Jr., and how his fragmented identity reflects the hierarchical nature of the colonization process to which his people was submitted. Through the analysis of the narrative it may be shown how, based on the five overthrows discussed by Hall, the given character reveals to be a subject whose identity crisis seems to have been raised due to the binary system in which he was socially educated.

KEYWORDS: cultural identity; identity crisis; Wariuki/Livingstone Jr.

Recebido em 28 de setembro de 2017; aprovado em 20 de novembro de 2017.